

# Verdade ou imaginação: uma releitura de Eros e Psiquê, de Fernando Pessoa

Adélia Bezerra de Meneses\*

No contexto de uma discussão sobre o “verdadeiro” e o “falso”, há que se refletir sobre os dois caminhos para abordar a realidade entre os gregos: o *Logos* e o *Mythos*. O pensamento racional e a narrativa mítica constituem, com efeito, maneiras de enfrentar questões fundamentais, busca de resposta para as perguntas que inquietam e que concernem vitalmente os seres humanos: de onde viemos? como o mundo se formou?; ou, num outro registro, o que é a Memória?

Desde Cornford, em 1912, com *From religion to philosophy*, aboliu-se a tese do “milagre grego” – segundo o qual, na Jônia, nas cidades gregas da Ásia Menor, dera-se no século VI a.C., emergido do nada, o brusco surgimento da Filosofia. Restabelecia-se então a continuidade entre a reflexão filosófica e o pensamento mítico-religioso. Entre a filosofia de um Anaximandro e a teogonia de um poeta inspirado, como Hesíodo, aponta Cornford, há correspondências estruturais.<sup>1</sup> Dessa perspectiva, as cosmologias dos filósofos prolongariam os mitos cosmogônicos.<sup>2</sup>

Mas mesmo na Filosofia Clássica evidenciam-se correspondências significativas com o universo mítico. Tomemos a questão da Memória, que mereceu de Aristóteles sérias reflexões. “A que parte da alma pertence a Memória?”, pergunta-se ele em seu *Tratado sobre a memória e a reminiscência*. E ele mesmo responde: “É evidente que a esta mesma parte da qual brota a imaginação” (Aristóteles, 1965). Essa vizinhança, essa “consangüinidade”, se assim se pode dizer, no nível do *Logos*, entre Memória e Imaginação apresenta-se também ao situarmos a memória na sua dimensão mítica. A Memória era uma deusa, Mnemosyne, que, unida a Zeus, gerou as nove Musas – e ela própria, Mnemosyne, preside à função poética. As divindades responsáveis pela inspiração poética são filhas da Memória: Mnemosyne revela, assim, as ligações obscuras entre o “lembrar-se” e o “inventar”. “Lembrar-se”, dessa maneira, é tanto o resgate da verdade como

construção.<sup>3</sup> A ficção, narrativa mítica, contribui para a construção do real. Mas, que é a verdade?

Para os gregos, a verdade é, em primeiro lugar, *palavra*, e é apanágio de alguns seres: poetas, adivinhos, sábios, oráculos (Naquet, 1981). Etimologicamente, verdade, *alétheia* (de *a* + *Léthe*), é “não-esquecimento”. O contrário da verdade não seria, portanto, a mentira, mas o esquecimento. Diz Marcel Detienne em *Os mestres da verdade na Grécia arcaica*:

Não há [...] de um lado *Alétheia* (+) e do outro *Léthe* (-), mas, entre dois pólos, desenvolve-se uma zona intermediária, na qual *Alétheia* se desloca progressivamente em direção a *Léthe*, e assim reciprocamente. A negatividade não está, pois, isolada, colocada à parte do ser; ela é um desdobramento da Verdade, sua sombra inseparável. As duas potências antitéticas não são, portanto, contraditórias, tendem uma à outra; o positivo tende ao negativo, que, de certo modo, o “nega”, mas sem o qual não se sustenta (Detienne, 1981, p. 41).

Por seu lado, as Musas, filhas da Memória, fazem o poeta “lembrar-se”. Mas as Musas falam a verdade e a mentira, como nos diz Hesíodo: “Sabemos dizer muitas coisas enganosas (*pseudea*), semelhantes à realidade, mas sabemos também, quando queremos, dizer a verdade (*alétheia*)”.<sup>4</sup> Verdade e engano, portanto, não são excluídos: no pensamento mítico não vigora o princípio da identidade, a lógica ferrenha da não-contradição. No mundo do *Mythos*, cuja lógica repousa na ambigüidade, os opostos podem unir-se.

Divindades da invenção poética e da fantasia, as Musas falam igualmente a verdade: isso é um modo de dizer que a imaginação pode ser uma via de acesso à realidade; que a fantasia pode ser uma forma de pensamento. A fantasia, comumente considerada no pólo oposto do real, agente de desrealização, pode, no entanto, ter uma função

cognitiva. Freud fala em *phantasierendes Denken*: pensar fantasiando, num testemunho de reconhecimento dessa atividade intelectual que leva a uma percepção autêntica da realidade. É assim que numa conferência sobre a feminilidade, ele finaliza seu estudo dizendo que aquele que quisesse saber mais sobre a mulher deveria aguardar até que a ciência pudesse dar informações mais profundas, ou então... consultar os poetas (Freud, 1933/1976, p. 165). Contudo, não apenas no contexto do conhecimento intuitivo proporcionado pela poesia, como no andamento específico do pensamento científico reserva-se um lugar para a “atividade fantasiadora”, como condição para o progresso do pensamento: “Sem especulação e teorização metapsicológica – quase disse fantasiar – não daremos outro passo à frente”, declara Freud em *Análise terminável e interminável* (1937/1975, p. 257). Rouanet, discorrendo sobre a pertinência da inclusão do imaginário num ensaio dedicado à epistemologia freudiana, fala de um papel anticognitivo da fantasia (em que ela seria um agente decisivo no processo de ocultação do saber); mas também do seu papel cognitivo. Qual a dimensão do real visada pelo imaginário?, pergunta-se ele. E arrisca uma resposta: sua dimensão virtual. “Ele visa o *novo* embutido no real, o *futuro* aprisionado no presente” (Rouanet, 1984).

Essa questão da ligação entre imaginação criadora e pensamento científico tem ocupado insistentemente estudiosos contemporâneos. Em seu livro *Imagery in scientific thought. Creating 20<sup>th</sup> century physics*, Arthur I. Miller, professor de filosofia e história da ciência, trata da relação entre pensamento criativo e construção de novos conceitos científicos em cientistas do porte de Poincaré, Einstein, Bohr, Heisenberg. Abordando o jogo intuição e imaginação *versus* pensar conceitual e lógico, ele enfoca uma reflexão de Einstein, segundo a qual, na ciência, as teorias surgiriam não através da descoberta, e sim através de invenção. Por invenção, diz o ensaísta, Einstein pensa a habilidade da mente em saltar sobre o que ele supõe ser o abismo essencial entre percepções e dados, de um lado, e a criação de conceitos e axiomas, de outro. Evidentemente, isso implicou lidar com temas como pensamento visual e transformação de fantasia mental em pensamento científico criativo. Entretanto, não se dirá respeito só a um físico do século XX, da Teoria da Relatividade, da física quântica: nos idos do século XVII, precisamente em 1618, Galileu, escrevendo uma carta a Leopoldo da Áustria, pergunta-se se seu próprio trabalho não seria uma “quimera” com a qual ele teria sido o primeiro a “sonhar” (Lameyre, 1993).

Pensamento imagético, Fantasia – quimera –, estão ligados à ilusão, à falsidade; a realidade estaria do lado da

verdade. Efetivamente, no senso comum, ao se pensar o binômio verdadeiro/falso, equipara-se o verdadeiro à realidade e o falso à imaginação. Há que se refletir um pouco sobre os termos usados nessa equação – que coloca problemas sérios. O que é verdadeiro? O que é real? Sabemos, com Freud, da equiparação de realidade psíquica e realidade material. E já vimos que para os gregos, lá em Hesíodo, as Musas dizem mentiras, mas também verdades...

Desde a Antiguidade, a pergunta a respeito da verdade freqüenta as cabeças – e os corações – humanos, e desde sempre inquieta os homens. Para os gregos, toda verdade é enigma. Por isso o oráculo, o adivinho, o poeta, o profeta – os “Mestres da Verdade” –, todos falam por enigma. Quando consultados, os oráculos falam sempre a verdade – porém respondem através de enigmas. E respondem de uma maneira tal que podem ser interpretados erroneamente. O oráculo é Apolo, Lóxias – que significa o oblíquo: que fala não diretamente, mas “de viés”, lateralmente a um eixo de compreensão direta. De través. (Vernant, 1971). E no mundo judaico-cristão? No Evangelho de João, Pilatos pergunta ao Cristo “O que é verdade?”<sup>5</sup> E essa pergunta fica irrespondida. Talvez porque uma resposta tácita já tivesse sido dada numa formulação que comparece num trecho anterior, quando o Cristo se propõe como “Caminho, Verdade e Vida”<sup>6</sup> – em mais um exemplo em que formulações concretas serão privilegiadas em detrimento de elucubrações conceituais. Em todo caso, registre-se por enquanto isto: a equiparação entre Verdade e Caminho.

E já que endossamos o *phantasierendes Denken*, o “pensar fantasiando” de Freud; que o real não se presta a uma abordagem pela via exclusiva da razão (até nas ciências exatas!); que a realidade não se deixa expressar cabalmente através de um pensamento lógico e racional; e, finalmente, uma vez que as Musas também dizem a Verdade, torna-se indispensável, fulcral, que, por um imperativo de coerência, se recorra ao *Mythos*. Socorramo-nos, assim, da poesia. Pois poesia vela e revela (= vela de novo); abriga a dialética; suporta a ambigüidade; acolhe o paradoxo, contempla as oposições, não se deixa comandar pelo princípio da não-contradição, pela lógica ferrenha do postulado da identidade. Não é Bachelard que define o instante poético como uma “conciliação harmônica entre dois contrários” (1991, p. 184)?

Pois bem, na apresentação da dialética do verdadeiro e do falso no universo poético, o mestre é Fernando Pessoa – um “Mestre da Verdade” no mundo moderno. Seu poema, “Eros e Psiquê” (1965), toca no cerne dessa questão do real e da fantasia, e sua congenialidade, de um viés mítico.<sup>7</sup>

\* Doutorada pela USP, lecionou Literatura Brasileira na Technische Universität de Berlim e Teoria Literária na USP e na UNICAMP, onde é professora colaboradora. Atualmente encontra-se vinculada à pós-graduação dessas duas universidades. Publicou, entre outros: *Do poder da palavra: Ensaios de literatura e psicanálise* (Duas cidades, 1995), *Figuras do feminino* (Ateliê, 2000), *As portas do sonho* (Ateliê, 2002) e *Desenho mágico: Poesia e política em Chico Buarque* (Ateliê, 2º ed. 2000, Prêmio Jabuti de ensaio, 1982).

1 Apud Vernant, J.-P. (1966, p. 286).

2 Apud Vernant, J.-P. (1966, p. 287).

3 O que, creio, não deixará de provocar fundas ressonâncias de uma perspectiva psicanalítica.

4 *Teogonia*, 27, 28.

5 Cf. Jo. XVIII, 38.

6 Jo. XIV, 6.

7 De Fernando Pessoa, é indispensável citar, sobre a questão correlata do “fingimento”, não só o antológico “Autopsicografia” (“O poeta é um fingidor/ Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente/ ... /”), como também o menos conhecido “Isto” (“Dizem que finjo ou minto/ Tudo que escrevo. Não/ Eu simplesmente sinto/ Com a imaginação/ Não uso o coração./ ... /”).

## Eros e Psiquê

... E assim vêdes, meu Irmão, que as verdades que vos foram dadas no Grau de Neófito, e aquelas que vos foram dadas no Grau de Adepto Menor, são, ainda que opostas, a mesma verdade.

Ritual do grau de mestre do átrio na ordem templária de Portugal

Conta a lenda que dormia  
Uma Princesa encantada  
A quem só despertaria  
Um Infante que viria  
De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,  
Vencer o mal e o bem,  
Antes que, já libertado,  
Deixasse o caminho errado  
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,  
Se espera, dormindo espera.  
Sonha em morte a sua vida,  
E orna-lhe a frente esquecida,  
Verde, uma grinalda de era.

Longe o Infante esforçado,  
Sem saber que intuito tem,  
Rompe o caminho fadado.  
Ele dela é ignorado,  
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino –  
Ela dormindo encantada,  
Ele buscando-a sem tino  
Pelo processo divino  
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro  
Tudo pela estrada fora,  
E falso, ele vem seguro,  
E, vencendo estrada e muro,  
Chega onde em sono ela mora.

E, inda tonto do que houvera,  
À cabeça, em maresia,  
Ergue a mão, e encontra hera,  
E vê que ele mesmo era  
A Princesa que dormia.  
Fernando Pessoa. *Obra poética*.

Mergulhando fundo em águas do maravilhoso, do conto de fadas – em que se ouvirão sobretudo os ecos da Bela Adormecida, ou da Branca de Neve –, esse poema apresenta um andamento narrativo. E qual o fio narrativo? Qual o enredo (por sinal, em grego, também *mythos*)? A

história da Princesa que, encantada, dorme, e a quem só despertaria um príncipe que, ao final, descobre ser ele essa mesma princesa.

Nesse mundo, que é o mundo do mito, os dois protagonistas são polares. A personagem feminina está ligada ao sonho, ao onírico, ao mundo da magia e do encantamento; ocupa uma posição aparentemente passiva – aparentemente porque, na realidade, há uma atividade mental importantíssima: sonha. As referências ao mundo onírico, da mente adormecida (e esquecida) pontilham o texto:

Conta a lenda que dormia  
[...]  
A quem só despertaria (estrofe 1)

A Princesa Adormecida,  
Se espera, dormindo espera.  
Sonha em morte a sua vida,  
E orna-lhe a frente esquecida,  
Verde, uma grinalda de hera. (estrofe 3)

Ela dormindo encantada (estrofe 5)

... em sono ela mora. (estrofe 6)

A Princesa que dormia. (estrofe 7)

Por outro lado, o príncipe representa o mundo desperto, ativo, enérgico, viril; a vigília, a luta, a busca, a ação, o esforço, o movimento do acordar:

A quem só despertaria  
Um Infante, que viria  
De além do muro da estrada. (estrofe 1)

Ele tinha que, tentado,  
Vencer o mal e o bem,  
Antes que já libertado,  
Deixasse o caminho errado  
Por o que à Princesa vem. (estrofe 2)

Longe o Infante, esforçado,  
Rompe o caminho fadado. (estrofe 4)

Ele buscando-a sem tino (estrofe 5)

... ele vem seguro,  
E vencendo estrada e muro,  
Chega onde em sono ela mora. (estrofe 6)

Através do falso e do obscuro, dá-se o encontro da Princesa com o Infante; dá-se o encontro da Fantasia com a Verdade. E a Fantasia se transforma em Verdade.

Num outro aspecto, é bastante reiterada a idéia de estrada, de caminho – em referência marcada ao mundo do príncipe, do verdadeiro, do real. Senão, vejamos: o infante viria “De além do muro e da estrada” (estrofe 1); ele tinha que deixar o “caminho errado” (estrofe 2); “Rompe o caminho fadado” (estrofe 4); busca-a “Pelo processo divino/ Que faz existir a estrada” (estrofe 5); vem seguro, embora tudo pela estrada fosse “obscuro” e “falso” (estrofe 6); e, por fim, o príncipe, “vencendo estrada e muro”, encontra a Princesa, e se dá conta de sua identificação com ela.

E o que é esse caminho? O que é essa estrada? Essa estrada é um processo, como diz o texto, ou melhor, identifica-se com o processo divino que a faz existir. Aqui também, repito, a verdade é aferida a um caminho.

Por outro lado, o índice da identificação das duas personagens, aquilo que provoca o reconhecimento de sua identidade, é a grinalda verde de hera. Mais do que adorno principesco para uma cabeça feminina, essa guirlanda de hera, na mais antiga tradição, cinge a frente daqueles que se dedicam à poesia: é a coroa do poeta. “E orna-lhe a frente esquecida/ Verde, uma grinalda de hera.” Importa sublinhar nesses versos um elemento: a frente esquecida. Elemento indiciador do poético, ainda por um outro motivo o esquecido reforçaria a idéia da Princesa como representante do mundo da imaginação: como não nos lembrarmos aqui de que verdade, *Alétheia*, é não-esquecimento? – o que é outra maneira de dizer que o contrário da verdade é o esquecimento.

Os elementos da inconsciência, no processo que leva ao encontro da Fantasia e da Verdade, são reiterados: a Princesa adormecida não sabe que espera; tem a frente esquecida; dorme encantada; ignora o Príncipe. Por seu lado, o infante esforçado não sabe “que intuito tem”, e segue o caminho que lhe foi fadado; não tem consciência da identidade da Princesa: “Ela para ele é ninguém”; busca-a “sem tino”; está tonto, com a cabeça em maresia.

Voltemos à idéia dos contrários, figurados pela Princesa e pelo Infante. Quais os pólos opostos que ambos representam? Esquemáticamente:

Princesa		Infante
sonho		vigília
fantasia		real
ilusão		verdade
espera	<i>versus</i>	busca
contemplação		ação
repouso		luta
passividade		atividade
feminino		masculino

Esses pólos opostos entram dialeticamente em síntese, na estrofe final:

E vê que ele mesmo era  
A Princesa que dormia.

– epifania da unidade, conciliação de contrários: as oposições se anulam sob o signo do Uno. Ou: metamorfose.

Fernando Pessoa utiliza, como título de seu poema, “Eros e Psiquê”, o que nos remete à lenda clássica, narrada por Apuleio, no livro *As metamorfoses* – cujo cerne é a história de Psique, uma princesa que perdeu seu amado, Eros, e que, ao fim de muitas lides, sofrimentos, trabalhos e proações, recupera-o, podendo afinal unir-se para sempre a ele. Talvez seja o caso de retomar os elementos fundamentais dessa lenda, para que se possa ver o trabalho de tradição e ruptura, de resgate e transgressão que Fernando Pessoa opera, em seu poema, bem como a releitura do mito por ele empreendida.

Na lenda apresentada por Apuleio, Psique era uma princesa belíssima, que por isso provoca a inveja da deusa do Amor, Afrodite. Vendo-se preterida na admiração dos mortais por uma menina, a deusa chama o filho, Eros, o deus do Amor, e o incumbe de fazer Psique apaixonar-se pelo mais horrendo dos mortais. Ao assumir a tarefa, o deus adolescente acaba por apaixonar-se pela menina. Vai realizar com ela um casamento misterioso, através de um estratagemas: sem nunca ter se identificado, só a encontra de noite – ela nunca poderia vê-lo à luz, nunca poderia conhecer seu rosto. E assim passam-se muitas e muitas noites. Psique, instigada pelas invejosas irmãs (que lhe sugerem que talvez estivesse casada com uma fera), decide desvendar a identidade do marido. Prepara uma lâmpada de azeite, um candeeiro, e, após uma noite de amor, quando Eros dormia, aproxima a luz do rosto do marido, transgredindo sua proibição – e vê o mais belo de todos os monstros: um extraordinário adolescente, o deus do Amor. Contempla-o perturbada e, tocando na aljava que ele sempre carregava consigo, fere-se inadvertidamente: atingida por uma flecha do deus do Amor, sua paixão seria irremediável... Inclina-se sobre ele, sempre com o candeeiro na mão, e põe-se a beijá-lo loucamente; uma gota de óleo fervente cai no ombro do amado adormecido. Ele desperta com um grito, levanta vôo e desaparece: “Teu castigo será a minha ausência”, são suas únicas palavras. Fora de si, Psique tenta o suicídio, lançando-se à correnteza de um rio, cujas águas, no entanto, a reconduzem à margem; ela peregrina de região em região, em busca de Eros. Enquanto isso, o deus, ferido por grave queimadura, jaz num leito. Afrodite é informada do que se passa, e começam os castigos de Psique. A deusa impõe-lhe quatro tarefas – como que uma versão reduzida dos trabalhos de Hércules –, que a princesa conseguirá executar com o auxílio de elementos da natureza. (O primeiro deles: depois de misturado o conteúdo de vários sacos de cereais, é incumbida de separar, grão por grão, o trigo, a cevada, o centeio, o grão de bico etc. É auxiliada pelas formigas.) A quarta e última tarefa é buscar no Hades uma caixinha que conteria um unguento de beleza imortal. Sempre auxiliada por forças externas, a menina consegue se desincumbir da tarefa, mas na volta abre a caixinha, que na realidade con-

tinha o sonho estígio, do reino dos mortos, e cai prostrada no meio do caminho, como morta. Por seu lado, Eros, curado da queimadura, sai em busca de Psique, e a encontra adormecida. Desperta a amada com um leve toque da sua flecha. E vai até Zeus, solicitando-lhe a interferência para que os dois pudessem unir-se – o que acontecerá no final do conto, quando Psique é brindada com o dom da imortalidade: Eros e Psique se reúnem para sempre. Ou: a alma apaixonada atinge, pelo amor, a imortalidade.

Fernando Pessoa resgata o mito ao mesmo tempo que o transgride, e o interpreta, numa leitura muito pessoal. Buscando Psique, no momento do encontro, ao fim do poema, Eros descobre que ele é a própria Psique. É importante registrar que o poeta português enfocará apenas uma passagem muito precisa da narrativa mítica: aquela, por sinal, que será sempre retomada nos contos de fada: o despertar da princesa adormecida pelo príncipe. Recortando um momento específico da narrativa de Apuleio, o seu final, e acrescentando-lhe essa instigante identificação do príncipe com a princesa, vários outros elementos serão ainda descartados ou invertidos.

Na boa tradição do inconsciente, apontada pela psicanálise, instaura-se aqui um processo de inversão. Vejamos inicialmente o caso da personagem “que dorme”. É verdade que, após a abertura da caixinha de unguento trazida do Hades, e destinada a Afrodite, Psique cai num sono “semelhante à morte”, do qual será despertada somente no final do conto, por Eros. Mas no início da narrativa original, tal como relata Apuleio, é Eros que dorme quando tem sua identidade desvendada por Psique, à luz do candeeiro. É Psique que o procurará, é ela que o despertará do sono, de maneira inadvertidamente violenta, diga-se de passagem.

Além disso, enquanto na lenda original, após ter perdido Eros, Psique o busca desesperadamente, peregrinando pelas mais diversas regiões, com o propósito de vencer inúmeros obstáculos (os “trabalhos” a ela impostos pela futura sogra) até conseguir recuperar o amado, em Fernando Pessoa é o infante que é submetido a provas iniciáticas: ele deverá “vencer o mal e o bem”, antes que “deixasse o caminho errado”, tendo que vencer “estrada e muro”, até poder chegar à Princesa. Na versão de Apuleio, Psique vence o Bem, sucumbindo ao Mal, quando (sob influência das irmãs) desobedece às ordens de Eros e infringe a proibição de vê-lo; contudo, ela também vence o Mal, quando é tentada, nas provas trabalhosíssimas a que é sub-

metida – inclusive a prova terrível para uma mulher, que é a da falsa piedade. E assim “deixa o caminho errado” e poderá reunir-se futuramente a seu amado. Por seu turno, Eros, nesse meio-tempo, jazia num leito recuperando-se da queimadura.

Mas que significam essas inversões? Elas apontam exatamente para quê? Elas indiciam que Psique e Eros, a Fantasia e a Realidade, podem trocar posições – no limite, podem identificar-se. Na seqüência, Fernando Pessoa radicaliza a transgressão do mito e, operando uma junção de contrários, identifica as personagens:

E vê que ele mesmo era  
A Princesa que dormia.

Não estaria ele, ao aparentemente transgredir o mito original – por conta de sua extremamente aguçada sensibilidade poética – sendo fiel ao espírito da narrativa de Apuleio, que, aliás, a inseriu num livro não por acaso chamado *As metamorfoses*?

Assim, Fernando Pessoa com seu poema não apenas desdobraria uma interpretação psicofilosófica do processo de apaixonamento, na vertente camoniana (e petrarquiana) do “Transforma-se o amador na cousa amada”,<sup>8</sup> não apenas forneceria o combustível para uma leitura à maneira da psicologia das profundezas (na linha junguiana Animus/Anima); ele acena com uma leitura esotérica do mito. Que se atente para a epígrafe do seu poema: uma citação, tirada do “Ritual do grau de mestre do átrio na ordem templária de Portugal”, que fala de verdades que “são, ainda que opostas, a mesma verdade”.

A identidade dos opostos, germe fulcral do pensamento de Fernando Pessoa, tem nesse poema um momento de epifania. Psique e Eros, Fantasia e Realidade, na leitura que vim encaminhando, podem ser, “ainda que opostas, a mesma verdade”.

Um poema desses vale por um tratado sobre a verdade e a fantasia, a realidade e a imaginação, sobre “a ficção na construção do real”. O mito não fornece categoricamente uma resposta racional às inquietações humanas: conta uma história, tecendo os fios da tradição, em que a questão é colocada. A verdade é, sempre, enigma. “O que é a verdade?” A pergunta irrespondida continua a ressoar no Mito. Mas, com o mito, nosso campo de percepção se alonga extraordinariamente.

## Referências

- Aristóteles (1965). *Parva naturalia*. Paris: Belles Lettres.
- Bachelard, G. (1991). *O direito de sonhar*. Rio de Janeiro: Bertrand.
- Brandão, J. S. (1987). *Mitologia grega* (Vol. 2). Petrópolis: Vozes.
- Detienne, M. (1981). *Os mestres da verdade na Grécia arcaica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freud, S. (1975). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, p. 239-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (1976). Conferência XXIII: Feminilidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 139-165). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933).
- Lameyre, X. (1993). *L'imagerie mentale*. Paris: PUF.
- Naquet, V. (1981). Prefácio a Marcel Detienne: In M. Detienne, *Os mestres da verdade na Grécia arcaica* (p. 8). Rio de Janeiro: Zahar.
- Pessoa, F. (1965). Eros e Psiquê. In F. Pessoa, *Obra poética*, Rio de Janeiro: Aguilar, 2a ed., p. 181.
- Rouanet, S. (1984). Epistemologia freudiana. Brasília. Texto não publicado.
- Vernant, J.-P. (1966). Du mythe à la raison. In J.-P. Vernant, *Mythe et pensée chez les Grecs*. Paris: Maspéro.
- Vernant, J.-P. (1971). *Mythe et tragédie en Grèce Classique*. São Paulo: Duas cidades.

## Resumo

No contexto de uma discussão sobre verdade e ilusão, há que se refletir sobre as duas vias de abordagem da realidade, para os gregos: o *Logos* e o *Mythos*. O pensamento racional e a narrativa mítica constituem, com efeito, maneiras de se enfrentarem questões fundamentais, que inquietam vitalmente os seres humanos. Em coerência com a idéia de que a realidade não se deixa expressar de cabalmente através de um pensamento lógico e racional, impõe-se o recurso à Poesia. O poema “Eros e Psiquê”, de Fernando Pessoa, que opera uma releitura da lenda clássica, tem como fulcro, exatamente, a coincidência de opostos. Na interpretação que se propõe desse poema (em que os contrários se conciliam sob o signo do Uno), o Infante e a Princesa são, respectivamente, Verdade e Fantasia.

## Palavras-chave

Eros e Psique. Fantasia. Fernando Pessoa. Verdade.

## Summary

“Eros and Psyche” by Fernando Pessoa: a new reading

In a discussion about truth and illusion, one has to refer the double way the Greeks used to approach reality: *Logos* and *Mythos*. Rational thought and mythical narrative are in fact two different ways to deal with basic questions that have always concerned humankind in a vital way. Taking into account the idea that reality cannot be wholly expressed through logical and rational thinking, one has to turn to Poetry. The poem “Eros and Psyche”, by Fernando Pessoa actually a new rendering of the classical legend, has as a cornerstone precisely the coincidence of op-

posites. In this essay an interpretation of this poem (in which the opposites are reconciled under the sign of the Whole) is proposed, the Infant and the Princess corresponding, to Truth and Fantasy.

## Key words

Eros and Psyche. Fantasy. Fernando Pessoa. Truth.

8 Cf. o belíssimo soneto de Camões:

Transforma-se o amador na cousa amada,  
Por virtude do muito imaginar  
Não tenho logo mais que desejar,  
Pois em mim tenho a parte desejada.  
Se nela está minha alma transformada,  
Que mais deseja o corpo de alcançar?  
Em si somente pode descansar,  
Pois consigo tal alma está liada

– em que ressoam, inequívocos, os acordes do soneto de Petrarca “L'amante nell'amato si trasforma”.